

Os erros da razão ocidental segundo o *Crepúsculo dos ídolos*, de Friedrich Nietzsche

Adolfo Miranda Oleare^{1*}

1. Professor do Instituto Federal do Espírito Santo - campus Linhares; adolfo@ifes.edu.br

Palavras Chave: Razão em Nietzsche, Razão ocidental, Erros da razão.

Introdução

Fruto de um princípio mal concebido – tributária do chamado otimismo socrático, representado pela equação “Razão = virtude = felicidade” –, a compreensão ocidental de razão guardaria, segundo Nietzsche, quatro erros básicos, apresentados concentradamente pelo autor no sexto capítulo de *Crepúsculo dos ídolos*, intitulado “Os quatro grandes erros”. Ali, Nietzsche elabora um diagnóstico dos prejuízos causados pela ideia ocidental de racionalidade aos campos do conhecer e do agir humanos, classificando-os da seguinte maneira: a) Confusão entre causa e consequência, manifestada quando colocamos a consequência no lugar da causa: o fogo como causa do raio, por exemplo; b) Caráter imaginativo da atribuição de causas, manifestada quando imaginamos, para estados fisiológicos, causas morais; c) Falsidade na concepção de causalidade, manifestada quando, por não sabermos o que é uma causa, projetamos a experiência imediata da suposta unidade subjetiva de nosso “eu” em toda a realidade, onde decorrem três crenças, a saber: i) crença na causalidade subjetiva da vontade; ii) crença em motivos conscientes das ações; iii) crença no Eu como causa do pensamento; d) crença na vontade livre, manifestada quando o sujeito é tomado como núcleo intencional dos acontecimentos, isto é, quando as ações são todas remetidas a uma suposta auto-transparência da consciência, na qual devem poder ser encontradas as causas do agir, uma vez que este é concebido como obra voluntária, arbitrária e intencional de um agente racional responsável.

Resultados e Discussão

A) Confusão entre causa e consequência - para evidenciar o primeiro dos quatro erros, Nietzsche recorre a certas transvalorações: i) a virtude não será mais vista como causa da felicidade, mas sim consequência de uma vida feliz e bem disposta; ii) uma dieta não será causa da vida longa, mas consequência da “condição prévia” para ela, a saber, a lentidão do metabolismo, que demanda o consumo restrito; iii) o vício e o luxo não serão causa da aniquilação de um povo, mas consequência de sua degeneração; iv) a doença não será a causa do empobrecimento da vida, mas consequência dele; v) um partido político não estará a caminho de se dissolver por ter cometido erros, mas, ao contrário, erra fatalmente em função de seu estado já decrépito; vi) os valores superiores não serão causa de si mesmos, mas consequências de estados afetivos/fisiológicos daqueles que os construíram.

B) As causas imaginárias - aquele que dorme com os pés amarrados por duas correias, por exemplo, “sonhará talvez que duas serpentes envolvem seus pés: primeiramente isso é uma hipótese, depois uma crença acompanhada de representação e invenção visual: ‘essas

serpentes devem ser a causa desta sensação que tenho eu, que estou dormindo’ (...)” O sonhador exige uma causa para sua sensação do mesmo modo que, na vigília, quer conhecer o motivo de sentir-se bem ou mal, tenso ou relaxado, inibido ou extrovertido. Apenas a constatação do estado não é satisfatória. Portanto, faz-se necessário associá-lo a uma causa, a uma motivação geradora, enfim, a uma força motriz determinada, certa, segura, com a qual se possa verdadeiramente contar. A partir dessa crença, conhecimento é sinônimo de determinação de “razões”.

C) Falsa causalidade e vontade livre - uma vez introduzida na cultura, a noção de causalidade gera no pensamento o impulso de tornar acessível, comum e familiar o conhecimento do que seja uma causa. Entretanto, alerta Nietzsche, o desconhecimento persiste e prevalece: jamais se soube o que é uma causa. Contudo, dada a urgência de se fazer a correspondência entre a existência efetiva e essa ideia metafísica fundamental, precipitações tomaram o lugar da investigação prolongada acerca do seu valor. Para Nietzsche, portanto, a razão ocidental engendra o “erro de uma falsa causalidade” porque acredita saber o que não sabe, cultivando, daí, não um saber, mas uma crença num suposto saber. A leitura do filósofo encontra as raízes desse problema no processo de interiorização do homem, marco da passagem do mundo aristocrático para o mundo cristão. Também pesa aqui, determinantemente, a noção moderna de sujeito moral.

Conclusões

Observamos que todas essas pontuações elaboradas por Nietzsche levam à desconstrução do modelo binário da metafísica. Não por acaso elas culminam na consideração fisiológica/genealógica dos valores superiores – aqueles que sustentam o pensamento da tradição: bem, beleza, verdade, justiça, unidade, ser etc. Assim, os quatro grandes erros da concepção ocidental de razão serão fruto, segundo Nietzsche, de um enfeitiçamento da linguagem metafísica, surgida em um tempo de “degradação do instinto” e imaturidade psicológica. Em linhas gerais, é este o esquema denunciado por Nietzsche: 1) o homem é dotado de razão, isto é, da faculdade própria ao estabelecimento de juízos acerca das experiências com as quais se ocupa, dos fenômenos que se lhe apresentam; 2) a faculdade prática da razão é a vontade, como poder originário da alma, distinto das paixões; 3) cada homem é causa da própria vontade, que por sua vez é causa da ação; 4) considera-se livre a vontade, de acordo com seu ancoramento na razão – ela é dita livre porque concebida como independente das paixões, do amor próprio, das inclinações sensíveis; 5) sabendo o que deve fazer e sendo livre para fazê-lo ou não, ao contrariar o dever o homem assume para si a culpa por não ter seguido os imperativos de sua razão.